

RESENHA

SISCAR, Marcos. *Da soberba da poesia: distinção, elitismo, democracia*. São Paulo: Lumme, 2012.

OS URUBUS ESTÃO À ESPREITA

Dariete Cruz Gomes Saldanha¹

O livro de Marcos Siscar *Da soberba da poesia: distinção, elitismo, democracia*, trata da historicidade e políticas que envolvem a arte, sendo dividido em cinco tópicos: “A incriminação da arte”, “Soberba e altura”, “A poesia na república das letras”, “O desafio da distinção” e “A soberba do naufrágio”. O autor abre o primeiro tópico com indagações a respeito da concepção histórica da arte e literatura, incluindo a hipótese de que hoje já não se leem nem se escrevem manifestos como antigamente. Nessa relação de desequilíbrio da arte com a história e a cultura, a arte acaba no rodapé da história por via do processo que a promove. O mesmo deriva da migração das questões polêmicas vanguardistas do século XX para o presente, restritas aos espaços pequenos. Desse modo, a presença pública da arte e da literatura atual não deixa de atualizar algo que a caracterizou em outros momentos. Siscar faz uma espécie escavação pontuando algumas questões que se fazem necessárias para definir o lugar literatura e da arte no presente. O que ele coloca em jogo não é exatamente a questão crítica, mas o processo de transição temporal, do qual a crítica se vale para se inscrever na história. Sob o ponto de vista da democracia, o autor afirma que a obra de arte e o artista estão frequentemente no banco dos réus. Isso se deve ao processo de julgamento e ao arbítrio político à que estão sujeitas. Para exemplificar suas afirmações, Siscar relembra a discussão em torno da instalação

¹ Mestranda em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia — Porto Velho. Pesquisadora do GEPOEC — Grupo de pesquisa em poética brasileira contemporânea.

“Bandeira branca” de Nuno Ramos, exposta na 29ª Bienal de São Paulo em 2010, que contava com dois urubus vivos. O que interessa ao crítico nessa discussão é o que ele próprio define como “jogo de forças”, no qual o espaço de demanda é a mídia. Isso porque a instalação alavancou protestos por parte dos ambientalistas, jornalistas e, ao mesmo tempo, o artista teve seu direito de resposta no jornal Folha de São Paulo. O artigo no qual Nuno Ramos defende a obra ganha destaque, no ponto de vista de Siscar, porque aponta para a questão da arte e o espaço público intermediado pela força política da mídia. Nesse sentido, falta democracia no gesto artístico, ou seja, o artista é recriminado por *pensar diferente*. A esse respeito, o crítico reporta aos momentos de totalitarismos, como “o combate contra o comunismo de Picasso”, ou da aristocracia francesa do século XIX contra *Olympia* de Degas. Os exemplos mencionados coadunam com a ideia de que “a visão totalitária da lei é que tornaria a arte objeto de desconfiança”. O que move o interesse de Siscar é essa desconfiança, na qual repousa a recusa de significação da arte. Para ele, a recusa de significação da arte é o problema que perpassa não somente a mídia, mas também o discurso das ciências humanas em geral. Portanto, a polêmica em torno da instalação de Nuno Ramos destaca o embate da vida pública da arte e a recusa de sentido que lhe é atribuída. A insistência de Siscar, no que se refere ao sentido público da arte, em especial da poesia, visa constatar e fixar a elaboração do sentido nos discursos, ensaios e outros textos. Nesse sentido, a soberba é considerada pertinente à arte porque “dramatiza os conflitos de autonomia e soberania que dão espessura histórica ao discurso poético.” No tópico, “Soberba e altura”, o autor reconhece na soberba, um dos aspectos estruturantes do conflito moderno entre poesia e sociedade. A soberba do modo como é aferida por Nuno Ramos e reafirmada por Siscar se relaciona com a ideia de autonomia da arte e do artista, assumindo o sentido de presunção, resultado da falta de socialização, “distanciamento do chão”, ou seja, o não

reconhecimento do material comum dos conflitos humanos. Esse sentido, dirigido diretamente ao poeta cabe avaliar sua incapacidade de socialização, ou seja, o distanciamento do poeta das coisas comuns do mundo, razão que alude à altura. Nesses termos, a soberba e a altura estabelecem ligações de sentido com o sublime. Soberba de origem latina designa está “sobre”, “em cima de”, além ou acima de alguma coisa. Então, a soberba da poesia remete ao estado de elevação, de estética sublime. Esse estado de elevação da arte poética promove uma reflexão política da poesia no modernismo brasileiro. Na esteira de Mallarmé que de acordo com o Siscar, depois de Baudelaire, foi quem melhor defendeu a poesia e o poeta e influenciou muitos poetas brasileiros. No tópico “A poesia na república das letras”, ele cita Manoel Bandeira como um dos poetas que tomou para si as lições do poeta e crítico francês. A questão política defendida por Mallarmé, nomeada de “aristocrática” difere do ponto de vista de Nuno Ramos, o qual Siscar tomou como ponto de partida para discussão, porque recai sobre a “atitude não-burguesa ou até resistência a desdobramentos sócio-culturais do positivismo republicano”. Essa interpretação do pensamento crítico de Mallarmé advém da reabertura do texto “Heresias artísticas — a arte para todos”, nele fica clara a ideia de distinção da poesia, ou como afirma Siscar “democratização do conhecimento”. Parece que a polêmica desse texto é o esfacelamento do espaço sagrado da poesia, o que a tornaria objeto da ciência, ou seja, rebaixaria seu estatuto artístico. Se porventura essa democratização ocorresse de fato, a poesia passaria a fazer parte das disciplinas escolares, esclarece o crítico brasileiro, mas o que ocorre é o contrário. Hoje, a tendência é a do esvaziamento do conteúdo que diz respeito à literatura nas grades escolares. Se de fato a poesia fosse universalizada, conforme as orientações de Mallarmé, ela estaria sob o controle das instituições que a converteria em benefício próprio. Ao mencionar o texto de Nuno Ramos sobre a soberba da arte e o texto da juventude de Mallarmé, Siscar

reabre questões que desde o modernismo permanecem incompressíveis. Ao mesmo tempo em que executa o mecanismo da historicidade, ou seja, aproxima textos e pensamento de épocas diferentes. Mallarmé e Nuno Ramos imprimem seus pensamentos sobre a arte em sua relação com os espaços institucionais. Em ambos, Siscar reporta a uma sequência de fatos que identificam o presente e reconstrói a historiografia literária. A polêmica sobre a instalação da Bandeira Branca de Nuno Ramos serviu de mote para alavancar uma série de questões que envolvem a distinção, o elitismo e a democracia da poesia. Vista por via da soberba, a arte e a poesia correspondem ao elitismo artístico porque são recusadas nos espaços abertos, na maioria das vezes por falta de compreensão de seus sentidos. Para reforçar sua tese, Siscar se reporta à “Crise do verso”, tomada como ponto de partida para uma discussão sobre a distinção da poesia, ou seja, a liberdade de criação do poeta, também remete ao poder recomposição, da modulação da matéria de herança que constitui o contemporâneo. A distinção habita essa esfera da arte, a altura que ela se coloca com a capacidade de se reconstituir dos restos e da morte. Os urubus sobrevoam os espaços em que a arte ergue seu palácio, na autonomia que lhe é de fato uma constante conquista. Mas também se alimenta da queda, “A soberba do naufrágio”, a qual Siscar define como “estrutura oximórica da promessa”. A soberba do naufrágio é definida pelo crítico como a experiência moderna, que aspira esclarecer o vazio que lhe acomete. *Da soberba da poesia* traz, portanto, uma reflexão crítica sobre o espaço ocupado pela poesia na contemporaneidade. Mas há aí um constante diálogo com a literatura francesa, o que demonstra a difícil tarefa da liberdade, ou seja, ainda hoje é preciso recorrer às ideias legitimadas das grandes literaturas para se discutir questões relacionadas às produções artísticas no Brasil, porexemplo. Sem dúvida, Mallarmé deu à poesia a possibilidade de alcançar o mais alto voo de liberdade e con-

sequentemente isso influencia na constituição da autonomia da literatura na atualidade.